

Viagem interior – A leitura como instrumento de autoconhecimento

Gizele Cristina Rodrigues Caparroz de Almeida (UNICAMP)

Lilian Fotin Talib (PUC)

Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo.

Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens além daquele que há em sua própria alma.

Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave.

Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.

Hermann Hesse

Por que ler *Sidarta*, de Hermann Hesse (1877-1962), com nossos adolescentes de hoje, uma obra de 1922, que já retornou com toda força nas mochilas dos jovens da década de 60, em pleno movimento de *contracultura*?

Hoje, é preciso reconsiderar a leitura de *Sidarta* a partir do contexto contemporâneo, em que a realidade virtual faz parte de nosso cotidiano. Estamos num mundo virtual sem tempo (acronia) e sem espaço (atopia) em que os sujeitos passam somente pelas experiências momentâneas, instantâneas, sem a experiência dos sentidos, que são fundamentais para que possamos nos compreender e nos reconhecer em meio a um determinado espaço. É neste mundo que nossos jovens permeiam suas identidades que se constroem nas Redes Sociais.

Nós somos seres espaciais. Para nós o mundo é feito de lugares. Perto, longe, o caminho, a mata, a cidade, o campo, o mar, a montanha, o céu, a terra. Esse mundo espacial é feito de dimensões – o grande, o pequeno, o maior, o menor. Ele é feito de qualidades. O meu corpo não é uma coisa. Não é uma máquina, ele não é um feixe de ossos, músculos, sangue, nem uma rede de causas e efeitos. Ele não é um receptáculo para uma alma, ou para uma consciência. O meu corpo é um sensível, que é sensível para si mesmo. O meu corpo é o meu modo fundamental de ser no mundo. (CHAUÍ apud MERLEAU-PONTY, 1994).

Surgem, para nossos jovens, novas dimensões na experiência existencial; não somos mais seres espaciais e temporais. No entanto, o sujeito não pode constituir-se somente de uma relação virtual, porque para se constituir como sujeito talvez seja preciso muito mais.

Literatura e Filosofia sempre se fundem num vai e vem de reflexões e é provável que adolescentes precisem ser estimulados a adquirirem seu próprio saber. *Ousai saber*, segundo Kant, é o grande desafio não só para jovens, mas para todos os seres em todos os lugares. Será que o desenvolvimento tecnológico acaba contribuindo para o *distanciamento* do jovem de seu próprio “eu”, ou, de maneira mais otimista, ajuda-o a encontrar-se? Essa questão nos remete às indagações feitas pelos filósofos frankfurtianos, Adorno e Horkheimer que viam com pessimismo a difusão da cultura de massa, massificando e distanciando a sociedade de suas reflexões, ao passo que Walter Benjamin e Habermas encontravam aspectos positivos nessa engrenagem.

Ir em busca de seu próprio caminho, conforme o significado do termo *Sidarta*, exige antes de mais nada a coragem para vivenciar um mergulho para dentro de si, o autoconhecer-se, como pensava Sócrates, e a ousadia de enfrentar os próprios dilemas, como queria Kant. Como aproximar os jovens de sua conquista interior, como sugeriu Nietzsche em sua síntese: *ouse conquistar a si mesmo*? Como libertar a razão em uma sociedade que preza a aparência e o apego material? Como ser autêntico mergulhado num universo tecnológico em que os *selfies* ofuscam a busca interior? Como abandonar o conforto sem remorso? Como perceber a possibilidade de viver autonomamente? Como fazer escolhas? Quais escolhas são emocionais e quais as racionais? Qual a semelhança que encontramos em nossa caminhada e o caminho percorrido por Sidarta?

Tais considerações foram as inspirações para a produção desse trabalho: um projeto interdisciplinar de Filosofia e Língua Portuguesa aplicado no 9º ano do Ensino Fundamental II, no Colégio Sidarta, no município de Cotia, nas imediações de São Paulo.

O trabalho apoiou-se na leitura do clássico da literatura que dá nome à escola: *Sidarta*, de Hermann Hesse, com foco na viagem do príncipe Sidarta em busca de autoconhecimento. Siddhartha (Buda Sakyamuni) do sânscrito: *Siddhi* (realização, completude, sucesso), *Artha* (alvo, propósito, meta). “Siddhartha” quer dizer “aquele que atinge seus objetivos”. Para isto, sai em busca do conhecimento, procura o seu caminho.

O Projeto, batizado de “Viagem Interior”, propiciou aos estudantes uma leitura reflexiva, o estudo do gênero discursivo “relato de viagem” e a produção de seu próprio relato de viagem. A turma do 9º ano, de 2013, era composta por 19 alunos, com média de idade de 13 anos, e com todas as dificuldades que os adolescentes de hoje enfrentam, tais como ansiedade, falta de concentração e de perspectivas na vida escolar e pessoal! Leitura e escrita oportunizaram aos alunos a reflexão sobre as próprias vidas e o mundo em que estão inseridos, com o objetivo de que esse autoconhecimento lhes incentivasse a fazer as adequações necessárias a um melhor viver e ao reconhecimento e análise de suas ações, para que seus caminhos sejam sempre os mais conscientes.

➤ **Sensibilização e problematização**

Antes de iniciar a leitura, os estudantes foram sensibilizados com um trecho do filme *O pequeno Buda* (1993), dirigido por Bernardo Bertolucci. Em seguida, foram motivados a pesquisar a biografia do autor Hermann Hesse e em que contexto de sua vida produziu a obra literária “*Sidarta*”.

Conhecido o contexto de produção e o autor, problematizamos: como uma obra de 1922, *Sidarta*, torna-se da maior importância para os jovens da década de 60? Para responder, a turma é encorajada a pesquisar sobre o movimento de “contracultura”, na década de 60 e à atualização dos movimentos juvenis, tema tão pertinente no Brasil de junho de 2013.

› **Durante a leitura**

A duração do projeto foi de três meses, em 2 aulas semanais, uma para Filosofia e uma Português, inseridas na grade curricular. A leitura da obra se deu em duas etapas, orientadas por apontamentos em planilhas que compõem Roteiros de Viagem. (Figura 1)

Os estudantes também produziram representações pictóricas de momentos essenciais do enredo. (Figura 2)

Nas aulas de Filosofia, a leitura foi retomada com reflexões em grupo. Em Português, a leitura foi enriquecida com o estudo da estrutura narrativa, exercícios de relaxamento, *pranayamas* (exercícios respiratórios) e rudimentos de meditação, colocando em prática parte do que haviam lido.

Em avaliação escrita sobre os exercícios respiratórios e práticas de meditação, os alunos registraram: “Esse aprendizado pode me ajudar na questão da calma, da organização e na ansiedade; pois cada coisa tem seu tempo e é preciso ter paciência, coisa que eu não tinha e estou aprendendo a ter.” “Esse aprendizado pode me ajudar em momentos da minha vida em que eu esteja com muitos problemas ou até mesmo com muitas coisas da escola por fazer, porque nesses momentos é necessário uma concentração extrema e também calma, e o aprendizado da Meditação pode me ajudar caso eu precisa me acalmar antes de uma prova ou um exame.”

› **Após a leitura**

Após a leitura, os estudantes assistiram ao filme *O pequeno Buda* completo, com o objetivo de comparar seu enredo à obra *Sidarta*, de Hesse, e de promover reflexão sobre como ocorre a temática da viagem nas duas obras, na literatura e no roteiro de cinema.

Em seguida, a disciplina de Português apresentou aos alunos trechos de “Mar sem fim”, de Amyr Klink, numa roda de leitura compartilhada, sistematizando características do gênero Relato de Viagem. Os alunos perceberam que os Relatos de Viagem apresentam experiências vividas pelo próprio autor durante uma viagem a determinado lugar, em determinado tempo. Neles, as descrições funcionam como verdadeiros retratos escritos do que observou e existe uma relação

entre o que o autor experimenta e vê e as observações, comparações e reflexões pessoais que ele faz. Sistematizaram, por fim, as marcas gramaticais que caracterizam o gênero e sua linguagem carregada de imagens.

Em Filosofia, fez-se a sensibilização para a produção do trabalho, em dinâmicas de observação do espaço e dos sentidos. Houve um olhar apurado sobre o próprio entorno, sobre o próprio silêncio, sobre o sentimento interior que passaram a descobrir, houve a surpresa de interagir consigo mesmo. Desta maneira cada estudante foi assim motivado à produção de seu próprio relato de viagem interior. “Gostei muito desse trabalho porque saiu de uma folha de papel”... “Era uma coisa muito diferente andar pela escola e observar”...

Para as duas disciplinas, Português e Filosofia, os alunos escolheram o trajeto, preferencialmente curto, que fariam para seu relato e decidiram como se movimentariam (a pé, de carro, de skate, bicicleta etc). Durante o trajeto, produziram um roteiro orientador do relato de viagem com ênfase em seus sentimentos e reações emocionais. Alguns roteiros foram esquemas escritos, outros gravados, conforme os desejos dos estudantes. A produção da primeira versão do relato de viagem ocorreu conforme objetivos de cada disciplina, seguida de avaliação da primeira versão e reescrita.

Sobre a produção dos relatos de viagem, os alunos registraram: “Achei uma experiência muito boa, pois vi coisas de um modo diferente, que nunca tinha visto numa simples caminhada no meu condomínio e na minha escola, ambos que conheço inteiramente há anos.” “Durante o período em que fiz o Relato de Viagem, lembrei de minha infância, tempo bom, de quando eu brincava sem vergonha, corria e chamava minha avó de Vovó, meu pai de Papai. Lembrei-me de quando eu corria para minha casa da árvore e passava dias lá, sonhando acordado.”

Como fechamento do projeto, os estudantes participaram de uma visita ao Templo Zu Lai, um templo budista, situado no município de Cotia, SP. Lá, puderam saber mais sobre o Buda histórico e comparar ao Sidarta, de Hermann Hesse, além de aprenderem mais sobre a filosofia budista e de participarem de uma prática meditação.

› ***Avaliação e Transcendência***

As ações avaliativas se deram durante todo o projeto, a partir da análise dos Roteiros de Viagem de Sidarta e desenhos produzidos, durante a leitura, e pela produção de Roteiros de Viagem Interior. Os critérios de avaliação foram sempre antecipados aos alunos.

A leitura de “Sidarta”, de Hesse, se mostrou viável em qualquer ambiente escolar porque se trata de uma obra universal, de fácil acesso. Para a prática sugerida, bastou um livro, professores e alunos interessados num conhecimento interior. Muitas foram as vantagens: os recursos foram variados na pesquisa dos temas (livros, filmes, internet, observações sensoriais, desenhos, experiências de meditação, visitas) e na produção dos roteiros para os relatos de viagem (textos, fotografia, ilustração, gravação).

A relação com a realidade foi pautada nos anseios e desejos juvenis, na busca de sua identidade em seu microcosmo (família, escola, comunidade) e macrocosmo (como o país e o mundo), promovendo mudanças de comportamento.

Percebemos que a leitura da obra clássica *Sidarta*, de Hermann Hesse, narrativa da viagem do príncipe Sidarta em busca de autoconhecimento, motivada pela viagem do autor à Índia, provocou em nossos estudantes o mesmo desejo de viajar para dentro de si mesmos. Cada Relato de Viagem Interior foi único e trouxe as particularidades, reflexões e interesses de cada adolescente, relacionados com seu repertório de vida. Revelaram o reconhecimento de si e dos outros, a valorização da própria história de vida, o resgate da memória e a projeção de projetos futuros.

Anexo


 Colégio Sidarta

Professoras: Gizele Caparroz, Lilian Talib

AS VIAGENS DE SIDARTA – APONTAMENTOS DE LEITURA – “SIDARTA”, HERMANN HESSE

Os **relatos de viagem** apresentam **experiências vividas** pelo viajante, rumo a um lugar, em determinado tempo. **Compare a vida de Sidarta a uma viagem**. Anote na planilha, durante a leitura, os fatos, as emoções vividas, as observações e reflexões pessoais de Sidarta durante a viagem de sua vida. **Importante:** esta planilha é pré-requisito para o trabalho do 2º trimestre.

Capítulos	Período da vida de Sidarta (tempo)	Por onde anda Sidarta (espaço)	Fatos vividos	Com quem convive. Descreva como são.	Sentimentos experimentados por Sidarta	Aprendizado Aspectos positivos	Aprendizado Aspectos negativos
Capítulo 1: O filho do Brâmane (2,0 pts)							

Figura 01: Planilha de leitura. Arquivo pessoal.

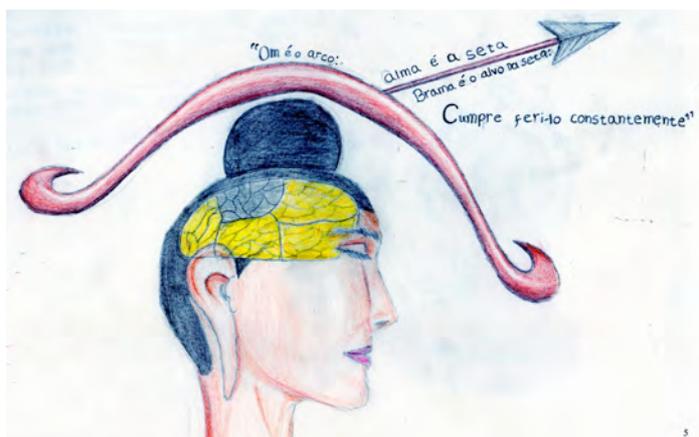


Figura 02: ilustração de Jasmim Caparroz de Almeida. Arquivo pessoal.

Bibliografia

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. Ed. Moderna, s/d.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Ed. Francisco Alves, s/d.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. *Moral da Ambiguidade*. Ed. Paz e Terra, s/d.
- CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. Publifolha, s/d.
- CHAUÍ, M. S. "Espaço, tempo e mundo virtual: A contração do tempo e o espaço do espetáculo". (Campinas, TV Cultura). Disponível em: <<http://www.cpficultura.com.br>>. Acessado em: 13 abril 2014.
- CLARGET, Stéphane. *Adolescência- a crise necessária*. Ed. Tomson, s/d.
- GAARDER Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henri. *O livro das religiões*. Companhia das Letras, s/d.
- HESSE, Hermann. *Sidarta*. Record, s/d.
- KLEIMAN, A.; MORAES, S. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- KLINK, Amyr. *Mar sem fim*. Companhia das Letras, s/d.
- PRADO, Delia Marcia Benegas. *La inteligencia adolescente según Jean Piaget*. Libros Em Red, 2007.
- LIPP, Marilda. *O adolescente e seus dilemas*. Campinas: Papirus, s/d.
- ROJO, R. (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. , R. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo. Campinas: Mercado de Letras, 2004.